

Sant'Anna Gomes (1834-1908)

O filho da lavadeira

Recitativo

Dedicatória: Ao meu amigo Dr. F. Quirino dos Santos

Texto: Quirino dos Santos

Editoração: Thiago Rocha

Instituição: Biblioteca Nacional da Espanha

Coletânea: Coleção de modinhas brasileiras
(Pierre Laforge, 1842)

voz, piano
(*voice, piano*)

5 p.



MUSICA BRASILIS

O filho da lavandeira

Recitativo

Poesia de
Quirino dos Santos

Sant'Anna Gomes

Introdução

Canto

Piano *p* *espressivo*

Recitativo

5

Um di - a nas

10

mar - gens do cla - ro_a - ti - ba - ia Es - ta va a_cap ti - va so - si - nha_a la - var; E_um tris - te fi -

p *espress.*

una corda

14

lhi - nho, do ri - o na pra - ia Ja - zi - a, es - ten - di - do no chão a ro - lar. A po - bre cre -

18

rall.

1. *a tempo* 2.

an - ça que, o ven - to a çoi - ta - va De fri - o e de fo - me cho - ra - va e cho - ra - va. Um di - a nas ra - va. Meu fi - lho que -

23

ri - do, no mei - o dos ma - res. Lá on - de go - ver - na so - men - te, o meu Deus, Lá on - de se es -

27

ten - dem mais lin - dos pal - mares Por - que não nas - ces - tes cer - ca - do dos meus? E a po - bre cre -

31 *rall.* 1, 2, 3, 4, 5. *a tempo* 6.

an-ça no sei-o da_es - cra-va, Fi-tan-do_a tris - ti-nha, cho-ra-va_e cho - ra-va Meus pais lá fi- ra-va As-sim so - lu-

36

- çou; e no se - d estrei - tan - do O ca - ro fi - lhi - nho, nas a - guas ca - hui; De - pois, mui - to

40

tem - po de le - ve boi - an - do Su - mi - ram - se os cor - pos nas vol - tas do rio. De - bal - de pro -

44 *rall.*

cu - ram, pro - cu - ram a_es - cra - va, Se_a po - bre cre - an - ça nem mais lá cho - ra - va.

Fine

O filho da lavandeira

I

Um dia, nas margens do claro Atibaia
Estava a captiva sosinha a lavar;
E um triste filhinho, do rio na praia,
Jazia estendido no chão a rolar.
A pobre creança que o vento açoitava
De frio e de fome chorava e chorava.

II

A misera negra co'o rosto banhado
No pranto que d'alma trazia-lhe a dor,
Prendeu-a com força no seio abrazado
De magoas, de angustia, de susto e de amor.
Pendendo a cabeça no collo da escrava
A pobre creança chorava e chorava.

III

Meu filho querido, no meio dos mares.
Lá onde governa somente o meu Deus,
Lá onde se estendem mais lindos palmares
Porque não nascestes cercado dos meus?
E a pobre creança no seio da escrava,
Fitando-a tristinha, chorava e chorava.

IV

Meus pais lá ficaram: são livros cantando
Que vida contentes que passam por lá!
E tu meu filhinho, commigo penando,
Esperas a morte nas terras de cá.
Os ventos cresciam: o sol declinava,
E a pobre creança chorava e chorava.

V

Ai não! Que dos pretos as almas não morrem
Havemos de ainda p'ra os nossos voltar.
As águas tão mansas dos rios que correm.
Nos levam bem vivos ao largo do mar.
Nas águas já meio seu corpo nadava,
E a pobre creança chorava e chorava.

VI

As aves, os bosques, as serras que vemos
Não são como aquellas de onde eu nasci!
Tão doces folgares risonhos quaes temos,
Tão bellos, tão puros não há por aqui
Os fundos gemidos o echo levava,
E a pobre creança chorava e chorava

VII

Oh! Vamos, meu filho ao solo jucundo
Aonde a existencia nos corre gentil;
Enquanto captivos houver n'este mundo
Os negros não devem viver no Brazil!
A casa era perto; chamavam a escrava;
E a pobre creança chorava e chorava

VIII

Assim soluçou; e no seio estreitando
O caro filhinho, nas aguas cahiu;
Depois, muito tempo de leve boiando
Sumiram-se os corpos nas voltas do rio.
Debalde procuram, procuram a escrava,
Se a pobre creança nem mais lá chorava.